

Conflitos conjugais: motivos e frequência

Clarisse Mosmann¹

Denise Falcke²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

RESUMO

A satisfação e a estabilidade das uniões conjugais não estão associadas diretamente à ausência de conflitos, mas à forma com que os cônjuges estabelecem estratégias para solucioná-los. Tendo em vista a dimensão de conflito como inerente à conjugalidade, este estudo buscou identificar os motivos de conflitos conjugais e a frequência com que ocorrem nas relações conjugais, sob a perspectiva da teoria sistêmica. Foi realizado um estudo quantitativo, com delineamento descritivo, com 149 casais de nível socioeconômico médio, residentes na capital e no interior do Rio Grande do Sul. Como instrumentos, foram utilizados um questionário de dados sociodemográficos e a Escala de Conflito Conjugal. Os resultados apontaram que o motivo mais frequente de desentendimento entre o casal é a relação com os filhos, seguido pelo tempo que desfrutam juntos, o dinheiro, as tarefas domésticas e, por fim, o sexo e as questões legais. Preponderaram as formas de resolução em discussões com calma, mas situações de agressão verbal foram reportadas como já tendo ocorrido por 75,8% dos casais e episódios de agressão física ou arremesso de objetos já haviam ocorrido com 7,3% dos casais. Sendo assim, estabelecer um foco específico para intervir junto aos casais, por exemplo, no desenvolvimento de estratégias de resolução de conflitos, pode favorecer o incremento dos níveis de qualidade nos relacionamentos conjugais.

Palavras-chave: Casamento; Relacionamento conjugal; Conflito conjugal.

Marital conflicts: causes and frequency

ABSTRACT

Satisfaction and stability of conjugal unions are not directly associated with the absence of conflict, but with the way the spouses establish their strategies to solve them. Given the dimension of marital conflict as inherent in marital relations, this study aimed at identifying the reasons for marital conflict and the frequency that they occur in marital relations. A quantitative

study with descriptive design was conducted among 149 middle-class couples who lived in the Capital and in the countryside of Rio Grande do Sul. The instruments used were a survey of socio-demographic data and Marital Conflict Scale. The results indicated that the most frequent causes of marital conflicts are: children, followed by the time the couple spend together, money, house chores and, finally, sex and legal issues. There was a preponderancy of mild discussions as alternative to solve the conflicts, although verbal abuse situations were reported in 75.8% of couples. Moreover, episodes of physical violence or thrown objects happened in 7.3% of couples. Therefore, setting specific focuses for intervention, such as helping couples to develop strategies to solve conflicts, might be helpful to increase quality levels in marital relationships.

Keywords: Marriage; Marital relationship; Marital conflict.

Conflicto marital: motivos y frecuencia

RESUMEN

La satisfacción y la estabilidad de los matrimonios no están directamente asociadas con la ausencia de conflictos sino la forma en que los cónyuges establecen estrategias para resolverlos. Dada la dimensión de los conflictos como inherentes a las relaciones maritales, este estudio trata de identificar las razones de los conflictos maritales y la frecuencia con que ocurren en el matrimonio. Se realizó un estudio cuantitativo con un diseño descriptivo, con 149 parejas, de nivel socioeconómico medio, que viven en la capital y en el interior de Rio Grande do Sul. Los instrumentos utilizados fueron un cuestionario sobre datos socio-demográficos y la escala de conflicto marital. Los resultados indicaron como causa más frecuente de conflicto la relación con los hijos, seguido por el tiempo que disfrutaban juntos, el dinero, las tareas y, por último, el sexo y asuntos legales. La forma predominante de resolución en las discusiones ha sido con calma, pero las situaciones de abuso verbal fueron reportadas como ya ocurridas en el 75,8% de las parejas y los episodios de agresión física y tirar objetos ya se había producido en el 7,3% de las parejas. Por lo tanto, poner un especial énfasis a intervenir con las parejas, por ejemplo, en el desarrollo de estrategias de resolución de conflictos, puede ayudarles a aumentar los niveles de calidad en las relaciones maritales.

Palabras clave: Matrimonio; Relaciones maritales; Conflicto marital.

INTRODUÇÃO³

A qualidade conjugal refere-se a uma dimensão complexa e, por isso, difícil de ser conceituada. No senso comum, muitas vezes, prevalece a concepção de que um casal saudável é aquele que não possui conflitos. Todavia, pesquisadores e estudiosos da dinâmica familiar são contundentes ao afirmar que a satisfação e a estabilidade das uniões não estão associadas diretamente à ausência de conflitos, mas devem ser compreendidas de forma mais abrangente a partir da frequência de interações positivas e negativas que os casais vivenciam diariamente (GOTTMAN; NOTARIUS, 2000), do processo dinâmico do relacionamento, caracterizado como construtivo ou destrutivo (BEACH; FINCHAM, 2010; KATZ; MIHR, 2008) e das estratégias de resolução de conflitos que utilizam (DONG; LI, 2007; PAPP; GOEKE-MOREY; CUMMINGS, 2007).

A complexidade destes processos conjugais elucida a estabilidade das taxas mundiais de divórcio em média em 50% das primeiras uniões (IBGE, 2007; MARKMAN; STANLEY; BLUMBERG, 2001). O fato de se tratar de um fenômeno que se expressa em diferentes contextos reforça a importância das estratégias de resolução de conflito, uma vez que os impasses conjugais diários não são passíveis de serem evitados, mas a forma com que os casais lidam com eles pode representar o diferencial entre a estabilidade e a dissolução das uniões (WAGNER; MOSMANN, no prelo).

Sendo assim, os padrões de resolução de conflito e o comportamento dos cônjuges durante o processo de resolução do mesmo predizem reflexos na satisfação e estabilidade conjugal. Fincham (2009) acrescenta a perspectiva de que eles tendem a ser estáveis ao longo do tempo, caracterizando o tipo de interação estabelecida pelo casal. Ainda que a estabilidade ao longo do tempo não tenha sido corroborada pelo estudo de Dong e Li (2007), na China, que evidenciou que as mulheres com comportamentos considerados mais modernos foram, ao longo do casamento, adotando padrões menos ativos de resolução de conflitos, adequando-se a um padrão cultural mais tradicional, este estudo corrobora a relação entre qualidade conjugal e estratégias de resolução de conflitos. As autoras identificaram que mulheres com maiores níveis de satisfação conjugal tinham maior confiança na crença de que os problemas poderiam ser resolvidos, não devendo ser evitados.

Considerando diferenças de gênero, Fincham, Beach e Davila (2004, 2007) conduziram um estudo longitudinal com 96 casais de uma cidade do entorno de Nova York e verificaram que a benevolência das esposas foi preditiva de uma melhor resolução de conflitos, enquanto que a evitação dos maridos esteve associada a relatos de pior resolução pelas esposas. Considerando o resultado encontrado após um ano, somente para as mulheres o perdão e a benevolência tiveram impacto na percepção dos maridos sobre uma melhor resolução de conflitos, quando os pesquisadores controlaram os níveis iniciais de conflito apresentado pelo casal. No caso dos homens, o único preditor da percepção das esposas foi o nível inicial de conflito.

São muitos os motivos de conflito entre os casais, podendo ser citados entre eles o sexo (AMIDU et al. 2011), a infidelidade (PITTMAN, 1994), os filhos (GERARD; KRISHNAKUMAR; BUHELER, 2006; MARGOLIN; GORDIS; OLIVER, 2004), o dinheiro (CEZAR-FERREIRA, 2007; PARAGUASSÚ, 2005; PERGUER, 2010), entre outros. Pesquisas baseadas em relatos diários da vida conjugal mostram que os casais têm mais interações conflituosas em dias que vivenciam mais problemas cotidianos (KLINE et al., 2006), tais como: situações de múltiplas e simultâneas demandas, problemas no trabalho, problemas financeiros e doença crônica.

A importância em identificar os motivos mais frequentes desencadeadores de conflito refere-se especialmente à possibilidade de os casais aprenderem a estar atentos aos seus focos mais frequentes de desentendimentos. Pesquisas indicam que a tentativa de ignorar os motivos de conflitos não os faz desaparecer, ao contrário, provoca o acúmulo de ressentimentos que tende a retornar com mais força a cada novo impasse - o chamado efeito bumerangue (MARKMAN; STANLEY; BLUMBERG, 2001).

Segundo as pesquisas, o sofrimento decorrente deste armazenamento de emoções negativas associado à incapacidade em resolver os conflitos, associa-se à saúde mental dos cônjuges. O estudo realizado por Papp, Goeke-Morey e Cummings (2007) teve por objetivo avaliar o papel das estratégias de resolução de conflito conjugal nos níveis de sofrimento psíquico de maridos e esposas. Por meio de análises de modelação multiníveis realizadas a partir de relatos dos conflitos nos últimos 15 dias e medidas de estresse de 100 casais, identificou-se que o sofrimento de ambos os cônjuges esteve associado às múltiplas expressões de conflito emocional ou comportamental em casa.

É importante considerar, então, que além de impactar nos níveis de satisfação conjugal, os padrões de conflitos associam-se a uma série de problemas de saúde física e mental dos cônjuges e de seus filhos (GERARD; KRISHNAKUMAR; BUHELER, 2006; GOEKE-MOREY; CUMMINGS; PAPP, 2007), inclusive predizendo o futuro envolvimento em relacionamentos violentos. No estudo de Tschann et al. (2009), com delineamento longitudinal, realizado com 150 adolescentes americanos de origem mexicana ou europeia, com idades entre 16 e 20 anos, foi verificado que quando os pais apresentavam maior frequência de conflito, eles eram mais agressivos verbalmente durante o evento e utilizavam piores estratégias de resolução dos mesmos. Seus filhos, de acordo com o estudo, estiveram mais envolvidos em relacionamentos amorosos violentos no período de um ano. O resultado desta pesquisa corrobora achados prévios que indicam que testemunhar agressão entre os pais pode ser preditor de desajuste psicológico na vida adulta, inclusive da tendência à repetição dos padrões de violência (GOMES, 2005; GUIMARÃES; SILVA; MACIEL, 2007; JULIAN; MCKENRY; GAVAZZI; LAW, 1999; SANTOS; COSTA, 2004).

Testando um modelo integrador de associação entre situações de vulnerabilidades, estratégias de resolução de conflitos e violência conjugal, Marshall, Jones e Feinberg (2011)

avaliaram 167 casais heterossexuais norte-americanos que estavam esperando o primeiro filho. A hipótese dos pesquisadores era que as situações de vulnerabilidades (por exemplo, comportamento antissocial, hostilidade e sintomas depressivos) estariam associadas a um processo desadaptativo que dificultaria a resolução de conflitos entre o casal, chegando à violência conjugal. Os resultados sustentaram o modelo, demonstrando a importância de considerar as estratégias de resolução de conflito na predição da violência conjugal. Foram encontradas diferenças de gênero, evidenciando que a frequência de episódios de violência conjugal esteve associada às vulnerabilidades, no caso dos homens, e mais vinculada ao conflito conjugal, no caso das mulheres. Esse dado contraria o de um estudo prévio que indica que o sexo dos cônjuges não é identificado como determinante nos padrões de conflito, que costumam variar de acordo com o estilo de relação de cada casal (FINCHAM, 2009).

Tendo em vista a dimensão de conflito como inerente à conjugalidade, e suas consequências para a saúde mental dos cônjuges, este estudo buscou identificar os motivos de conflitos conjugais e a frequência com que ocorrem nas relações conjugais, sob a perspectiva da teoria sistêmica. Com base na literatura, espera-se que os casais identifiquem como motivos mais frequentes dos conflitos: os filhos (GERARD; KRISHNAKUMAR; BUHELER, 2006; MARGOLIN; GORDIS; OLIVER, 2004) e o dinheiro (CEZAR-FERREIRA, 2007; PARAGUASSÚ, 2005; PERGHER, 2010). Além disso, estima-se que os casais apresentem frequências moderadas de conflito (GOTTMAN; NOTARIUS, 2000).

MÉTODO

Tipo de estudo: Trata-se de um estudo quantitativo com delinamento descritivo.

Amostra: A amostra foi composta por 149 casais, de nível socioeconômico médio, residentes na capital e no interior do Rio Grande do Sul. A seleção da amostra respondeu ao critério de conveniência. Como critérios de inclusão, consideraram-se estarem em um relacionamento estável há no mínimo seis meses e possuírem pelo menos um filho proveniente desta união. A idade média dos participantes foi de 45,7 anos ($DP = 7,69$) e o tempo médio de união de 22,4 anos ($DP = 5,4$). Preponderou o nível médio de escolaridade em 35,6% da amostra.

Instrumentos: Como instrumentos, foram utilizados:

(a) Questionário de dados de identificação: com a finalidade de investigar a idade, o tempo de relacionamento, o nível de escolaridade, a ocupação atual, a carga horária de trabalho e a renda pessoal;

(b) Escala de Conflito Conjugal (BUEHLER; GERARD, 2002): constitui-se em uma escala composta por 9 nove itens que são apresentados separadamente em duas subescalas.

A primeira denominada “*conflito-desentendimentos*” possui seis itens avaliados em uma escala Likert de seis pontos (*nunca, uma vez ao mês ou menos, diversas vezes ao mês, aproximadamente uma vez por semana, diversas vezes por semana, quase todos os dias*) que se referem à frequência com que os sujeitos experimentaram desentendimentos com seus parceiros no último ano. A outra subescala denominada “*conflito-agressão*” possui três itens que são pontuados em uma escala Likert de cinco pontos (*nunca, raramente, algumas vezes, freqüentemente, sempre*). O item dois mede a frequência com que o sujeito lida de forma calma com os conflitos (codificado invertido) e os itens um e três medem a frequência de discussões e agressões. Nessa escala, os escores maiores representam altos níveis de conflito. A escala foi traduzida e adaptada do inglês para o português através do método *back translation* para o estudo de Mosmann (2007), que encontrou um coeficiente Alpha de Cronbach para a escala de 0,71.

Procedimentos de Coleta e Análise dos Dados: Os participantes foram selecionados pelo critério de conveniência, por meio da indicação de conhecidos. Após contato com os participantes e agendamento das entrevistas, em geral na residência dos mesmos, voluntários de pesquisa aplicaram os questionários aos cônjuges, instruindo-os a responder separadamente. Após terminarem, devolviam ao aplicador, em envelopes lacrados, separados dos termos de consentimento livre e esclarecido. Esta pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética em pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, sob protocolo 240/05. Os dados foram analisados a partir do programa estatístico SPSS 18.0, por meio de análises de frequências, médias e desvio padrão, para avaliar o comportamento das variáveis, e do teste do qui-quadrado, para comparar as respostas entre os cônjuges. Foi considerado como significativo um valor de $p < 0,05$.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os motivos de conflito conjugal foram identificados a partir de seis dimensões, sobre as quais os casais deveriam apontar os níveis de desentendimento que elas geravam em seu relacionamento conjugal. Como resultado, observou-se que preponderaram os desentendimentos relacionados aos filhos ($M = 2,81$; $DP = 1,458$), seguido pelo tempo que desfrutam juntos ($M = 2,57$; $DP = 1,560$), por questões envolvendo dinheiro ($M = 2,43$; $DP = 1,394$), pelas tarefas domésticas ($M = 2,32$; $DP = 1,419$), pelo sexo ($M = 2,16$; $DP = 1,199$) e, com menor frequência, pelas questões legais ($M = 1,72$; $DP = 1,152$).

Identifica-se que prevaleceram como motivos de conflito o relacionamento com os filhos, o que confirma a bidirecionalidade dos estudos que se dedicam a estabelecer correlações entre as dimensões de conjugalidade e parentalidade. A hipótese de *spillover* ou transbordamento dos conflitos de um subsistema ao outro ocorre não somente na direção do

conjugal para o parental (GERARD; KRISHNAKUMAR; BUHELER, 2006; MARGOLIN; GORDIS; OLIVER, 2004), mas também os conflitos com relação aos filhos podem impactar a conjugalidade. Uma dimensão mais inerente à conjugalidade em si, que se refere ao tempo que o casal desfruta em conjunto, também foi apontada como motivo de conflito, seguida pelas questões financeiras e domésticas, aspectos relacionados aos acordos cotidianos do casal. Foram menos apontados como motivos de conflito o sexo e as questões legais, ainda que se saiba que muitas vezes esses assuntos não são reconhecidos como conflituosos por não serem discutidos abertamente entre os casais.

Considerando-se a frequência de conflitos entre o casal e a intensidade da discussão com vistas à resolução do conflito, observa-se na tabela 1 que preponderaram as discussões de forma calma entre os cônjuges. Todavia, é importante considerar que situações de agressão verbal foram reportadas como já tendo ocorrido por 75,8% dos casais, sendo que 5,4% indicam que elas ocorriam frequentemente ou sempre. Episódios de agressão física ou arremesso de objetos ocorreram com 7,3% dos casais e de forma frequente em 1% dos casais participantes.

Tabela 1. Frequência de conflito conjugal (N = 149 casais)

	Nunca	Raramente	Algumas Vezes	Frequente- mente	Sempre
Frequência com que discutem de forma calma com o cônjuge	3,4%	21,1%	37,6%	28,2%	9,7%
Frequência com que discutem intensamente ou grita com o cônjuge	24,2%	44,3%	26,2%	4,7%	0,7%
Frequência com que acaba batendo ou atirando coisas no cônjuge	93,6%	4,0%	1,3%	0,3%	0,7%

Ainda que a maioria dos participantes reporte estratégias positivas de resolução de conflito, através de discussões com calma, os números relativos à agressividade verbal ou física devem ser considerados pelo impacto que podem ocasionar na vida dos cônjuges. Não houve diferenças significativas na percepção dos cônjuges sobre a frequência do conflito ($p = 0,452$), corroborando os resultados do estudo de Fincham (2009) que indica que o sexo dos cônjuges não é determinante nos padrões de conflito e sim o tipo de relação que estabelecem.

A partir das dimensões conflito-desentendimento e conflito-agressão, foi possível identificar uma tipologia dos casais.

Tabela 2. Tipologia dos casais pelas dimensões de conflito

Tipologia	Agressão Alta	Agressão Baixa
Desentendimento Alto	31,5%	24,5%
Desentendimento Baixo	11,7%	32,3%

Observa-se que os casais se dividem quase igualmente entre aqueles que possuem baixos níveis nas duas dimensões (32,3%) e aqueles que possuem altos níveis nestas (31,5%), evidenciando que, mesmo que as manifestações de agressão ocorram com menor frequência, pela gravidade que representam, atingem níveis mais preocupantes considerando-se os pontos de corte da escala. Além disso, é importante considerar que é mais provável a ocorrência de um alto nível de desentendimento e baixo de agressão (24,5%) do que um alto nível de agressão com baixo nível de desentendimento (11,7%), que se refere a casais que já nem vislumbram a possibilidade de resolução dos conflitos com êxito.

Considerando-se a frequência dos conflitos e as estratégias de resolução dos mesmos, observa-se que a maioria consegue manter uma discussão com calma como forma de solucionar os conflitos. Entretanto, a partir dos dados deste estudo, pode-se observar que 67,7% da amostra têm altos níveis de conflito em pelo menos uma das dimensões estudadas, pois apenas 32,3% da amostra reporta baixos níveis tanto em desentendimentos quanto em agressões. Esse dado salienta a prevalência dos conflitos nas relações conjugais e reforça o postulado de que a tentativa de ignorar as dificuldades acaba por incrementá-las – efeito bumerangue (MARKMAN; STANLEY; BLUMBERG, 2001). Os casais desta amostra apresentam níveis importantes tanto em desentendimentos quanto em agressões, confirmando que o acúmulo de conflitos não resolvidos gera um processo cíclico através do qual os desentendimentos retornam ainda com mais força, podendo chegar a níveis de agressão verbal ou física.

Estes resultados são relevantes também para refletirmos sobre a não consciência dos casais em relação ao estabelecimento e manutenção deste processo. Muitos cônjuges sequer consideram que determinados níveis de desentendimentos podem representar formas de violência conjugal – tanto psicológicas quanto físicas. Este fenômeno da naturalização dos episódios diários de violência entre os casais contribui para que ela não seja reconhecida como tal e, portanto, esteja imune à revelação, denúncia e busca de auxílio pelos casais. Nesse sentido, os cônjuges passam a sofrer o que Hirigoyen (2006) caracteriza como microviolências, ou seja, agressões mais sutis que preparam o terreno para o estabelecimento de agressões mais evidentes. O mais complicado é que, a longo prazo, as consequências dessa constante exposição a situações de violência, mesmo quando naturalizada e vivenciada como um aspecto inerente à dinâmica do relacionamento conjugal, provoca impactos não somente na conjugalidade, mas também na saúde física e psicológica de todos os envolvidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desafio das intervenções na conjugalidade encontra-se justamente no desenvolvimento de modelos de intervenção que abarquem a complexidade envolvida nas

relações. As diferentes dimensões que compõem a qualidade conjugal são complexas, extremamente subjetivas. Por isso, identificar os motivos de conflito mais comuns entre os casais pode subsidiar o desenvolvimento de intervenções que reflitam a realidade diária dos cônjuges e possibilite um maior reconhecimento e consequente engajamento dos mesmos com o programa. Além disso, contar com resultados da população brasileira é de extrema relevância, já que os programas de intervenção conjugal são uma realidade nos contextos norte-americano e europeu, havendo uma carência no cenário nacional de alternativas neste sentido. Os programas de intervenção conjugal com comprovada eficácia visam envolver os cônjuges em processos de aprendizagem, reflexão, conscientização e treinamento de habilidades no intuito de que estabeleçam relações com melhores níveis de saúde e estabilidade (ROBERTS, 2006). Neste sentido, salienta-se também a importância de estabelecer um foco mais específico para intervir junto aos casais, por exemplo, no desenvolvimento de estratégias de resolução de conflitos, considerando as inabilidades identificadas nos casais para lidar com seus impasses. Enfocar o aprimoramento destas estratégias pode favorecer que os objetivos sejam mais facilmente atingidos.

É necessário que se trabalhe em diferentes níveis com os casais, buscando a conscientização em relação aos mitos conjugais (por exemplo, de que os casais saudáveis são os que não apresentam conflitos), o reconhecimento e modificação dos padrões de interação conflituosa, os processos de comunicação, bem como o treinamento de habilidades para o desenvolvimento de estratégias de resolução de conflitos mais eficazes.

Sabe-se dos desafios destas propostas, uma vez que entre a aquisição ou aprendizagem de uma habilidade e o uso da mesma na vida a dois existe um longo caminho a ser percorrido. Entretanto, o sofrimento vivenciado pelos casais decorrente de suas dificuldades em lidar com os conflitos justifica o investimento em intervenções conjugais, tanto em nível de prevenção quanto de tratamento.

Por se tratar de um estudo transversal, quantitativo e descritivo, logramos delinear os motivos mais frequentes de conflito entre os casais desta amostra e as estratégias utilizadas na resolução dos mesmos. Neste sentido, cabem algumas considerações acerca das limitações deste estudo. Devido à complexidade das interações conjugais, aliar métodos qualitativos às investigações, especialmente das estratégias de resolução de conflitos pelos casais, poderia proporcionar um panorama mais preciso acerca do processo de coconstrução da dinâmica conjugal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMIDU, N. et al. Sexual dysfunction among married couples living in Kumasi metropolis, Ghana. *Urology*, Kumasi, Ghana, v. 11, n. 3, 2011.

BEACH, S. R. H.; FINCHAM, F. D. Conflict Can Be Constructive: Reflections on the Dialectics of Relationship Science. **Journal of Family Theory & Review**, v. 2, p. 54-57, 2010.

BUEHLER, C.; GERARD, J. M. Marital conflict, ineffective parenting, and children's and adolescents' maladjustment. **Journal of Marriage and the Family**, v. 64, n. 1, p. 78-92, 2002.

CEZAR-FERREIRA, V. A. M. **Família, separação e mediação: uma visão psicojurídica**. São Paulo: Método, 2007. 220 p.

DONG, M. C.; LI, S. Y. Conflict resolution in Chinese family purchase decisions: the impact of changing female roles and marriage duration. **International Journal of Conflict Management**, Hong Kong, v. 18, n. 4, p. 308-324, 2007.

FINCHAM, F. D. Marital conflict. **Encyclopedia of Human Relationships**. Thousand Oaks, CA: Sage. v. 1, p. 298-303, 2009.

FINCHAM, F. D.; BEACH, S. R. H.; DAVILA, J. Forgiveness and conflict resolution in marriage. **Journal of Family Psychology**, Washington, v. 18, n. 1, p. 72-81, 2004.

FINCHAM, F. D.; BEACH, S. R. H.; DAVILA, J. Longitudinal Relations Between Forgiveness and Conflict Resolution in Marriage. **Journal of Family Psychology**, Washington, v. 21, n. 3, p. 542-545, 2007.

GERARD, J. M.; KRISHNAKUMAR, A.; BUHELER, C. Marital Conflict, Parent-Child Relations, and Youth Maladjustment A Longitudinal Investigation of Spillover Effects. **Journal of Family Issues**, v. 27, n. 7, p. 951-975, 2006.

GOEKE-MOREY, M. C.; CUMMINGS, M. E.; PAPP, L. M. Children and Marital Conflict Resolution: Implications for Emotional Security and Adjustment. **Journal of Family Psychology**, Washington, v. 21, n. 4, p. 744-753, 2007.

GOMES, I. C. Transmissão psíquica transgeracional e violência conjugal: um relato de caso. **Boletim de Psicologia**, v. 55, n. 123, 177-188, 2005.

GOTTMAN, J. M.; NOTARIUS, C. I. Decade review: Observing marital interaction. **Journal of Marriage & The Family**, Washington, DC, v. 62, n. 4, p. 927-947, 2000.

GUIMARÃES, F.; SILVA, E. C.; MACIEL, S. A. B. Resenha: "Mas ele diz que me ama": cegueira relacional e violência conjugal. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 23, n. 4, p. 481-482, 2007.

HIRIGOYEN, M. F. Tradução de Maria Helena Kühner. **A violência no casal: da coação psicológica à agressão física**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE]. **Estatísticas de Registro Civil**. Rio de Janeiro: Autor, 2007.

JULIAN, T.; MCKENRY, P.; GAVAZZI, S.; LAW, J. Test of family origin structural models of male verbal and physical aggression. **Journal of Family Issues**, v. 20, n. 3, p. 397-423, 1999.

KATZ, J.; MIHR, L. Perceived Conflict Patterns and Relationship Quality Associated With Verbal Sexual Coercion by Male Dating Partners. **Journal of Interpersonal Violence**, New York, v. 23, n. 6, p. 798-814, 2008.

KLINE, G. H. et al. Understanding couple conflict. In: VANGELISTI, A. L.; PERLMAN, D. (Eds.). **The Cambridge handbook of personal relationships**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2006. p. 445-462.

MARGOLIN, G.; GORDIS, E. B.; OLIVER, P. H. Linkages across marital, parent-child, and triadic interactions: Family systems perspectives. **Development and Psychopathology**, Los Angeles, CA, v. 16, p. 753-772, 2004.

MARKMAN, H.; STANLEY, S.; BLUMBERG, S. L. **Fighting for your marriage** (Revised and updated edition). San Francisco, Jossey Bass, Inc, 2001.

MARSHALL, A. D.; JONES, D. E.; FEINBERG, M. E. Enduring Vulnerabilities, Relationship Attributions, and Couple Conflict: An Integrative Model of the Occurrence and Frequency of Intimate Partner Violence. **Journal of Family Psychology**, Washington, v. 25, n. 5, p. 709-718, 2011.

MOSMANN, C. P. **A qualidade conjugal e os estilos educativos parentais**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Porto Alegre, 2007.

PAPP, L. M.; GOEKE-MOREY, M. C.; CUMMINGS, E. M. Linkages Between Spouses' Psychological Distress and Marital Conflict in the Home. **Journal of Family Psychology**, Washington, v. 21, n. 3, p. 533-537, 2007.

PARAGUASSÚ, L. A. A. **Influências econômicas na manutenção do relacionamento conjugal: um estudo exploratório**. 2005. Monografia de conclusão de Pós-graduação não-publicada. Faculdade Ruy Barbosa, Salvador, 2005.

PERGHER, N. K. Variáveis que devem ser consideradas na avaliação da qualidade do relacionamento conjugal. **Revista Perspectivas**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 116-129, 2010.

PITTMAN, F. **Mentiras privadas: a infidelidade e a traição da intimidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. 246 p.

SANTOS, L. V.; COSTA, L. F. Avaliação da dinâmica conjugal violenta e suas repercussões sobre os filhos. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 6, n. 1, p.59-72, 2004.

TSCHANN, J. M.; PASCH, L. A.; FLORES, H.; MARIN, B. V.; BAICH, M.; WIBBELSMAN, C. J. Nonviolent Aspects of Interparental Conflict and Dating Violence Among Adolescents. **Journal of Family Issues**, v. 30, n. 3, p. 295-319, 2009.

WAGNER, A.; MOSMANN, C. Intervenção na conjugalidade: estratégias de resolução de conflitos conjugais. In: BAPTISTA, M. N.; TEODORO, M. L. M. **Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenções**. Porto Alegre: Artmed (no prelo).

Endereço para correspondência

Clarisse Mosmann
E-mail: clarissepm@unisinis.br

Recebido em 07/10/2011.
1ª revisão em 20/10/2011.
Aceite final em 28/10/2011.

¹ Clarisse Mosmann é Professora Assistente do Programa de Pós-Graduação e do Curso de Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). E-mail: clarissepm@unisinos.br.

² Denise Falcke é Professora Assistente do Programa de Pós-Graduação e do Curso de Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

³ Este texto foi revisado seguindo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor no Brasil a partir de 1º de janeiro de 2009.